

O BARROCO MESTIÇO: SISTEMA DE VALORES DA SOCIEDADE AÇUCAREIRA DA AMÉRICA PORTUGUESA NOS SÉCULOS XVII E XVIII

Kalina Vanderlei Silva

Prof^a Adjunta da FFPNM/UPE

Coordenadora do GEHSCAL – Grupo de Estudos de História Sócio-Cultural da América Latina

<http://gehscal.vilabol.uol.com.br>

Resumo

Neste trabalho apresentamos um novo instrumento para a pesquisa sobre cultura e sociedade colonial na zona canavieira da América portuguesa, o conceito de barroco mestiço. A partir de uma reflexão sobre a função dos conceitos em História, e da preocupação com o estabelecimento de conceitos e categorias para o estudo sócio-cultural sobre o mundo colonial, discutimos a importância da noção e sistema de valores, a definição de cultura barroca e a revisão do conceito de mestiçagem. Terminamos, por fim, por traçar os primeiros aspectos da conceituação do barroco mestiço.

Palavras-chave

Barroco – Mestiçagem - Conceitos

1 - Da Noção de ‘Conceito’ e do Sistema de Valores

Buscamos, nesse artigo, estabelecer as bases de um novo conceito para o estudo da história sócio-cultural da América portuguesa, o barroco mestiço. Em primeiro lugar, faz-se necessário refletir sobre a própria noção de conceito. Entendemos o conceito histórico como uma ferramenta para melhor definição dos temas estudados pelo historiador. É um artifício, uma construção didática que nos possibilita recortar o espaço/tempo para melhor observar determinados elementos de uma realidade múltipla.

Em geral, os conceitos são construídos *a posteriori* dos períodos estudados, o que pode caracteriza-os como idéias anacrônicas, externas ao contexto histórico referido. O conceito de feudalismo é um bom exemplo dessa questão. Essa noção apareceu pela primeira vez apenas no século XVII, e desde então passou a ser amplamente utilizada pela historiografia para se referir ao sistema político, econômico e social da Europa medieval.¹ A palavra feudalismo, quando empregada pelos historiadores, delimita um espaço, um tempo, uma estrutura, um conjunto de elementos históricos, e possibilita a abordagem, de outra forma bastante difícil, dessa determinada realidade histórica. Assim sendo, é a própria complexidade das realidades históricas que leva os cientistas sociais a elaborar conceitos e categoriais como instrumentos para o entendimento dos fatos. Se essas ferramentas são imperfeitas – como, de fato são –, tal imperfeição serve para nos lembrar que qualquer estudo histórico e social que busque reconstituir a trama das realidades passadas, será sempre – na melhor das hipóteses – uma aproximação, uma imagem no espelho.

Nessa perspectiva, um conceito não tem a pretensão de reproduzir a realidade, mas propõe simplificar um conjunto tão repleto de diversidade que de outra forma não poderia ser abrangido em sua totalidade. O conceito, assim, é uma forma de representação do real.

Visto que a construção de um conceito deve partir da necessidade do historiador, enquanto ferramenta ele deve se adaptar à função. São as lacunas na compreensão de determinado contexto histórico que permitem, ou melhor, exigem, a elaboração de ferramentas conceituais. Isso considerado, conceitos e categorias devem nascer da própria observação da realidade estudada.

Quando, ao esmiuçarmos a cultura e as condições de vida nas vilas açucareiras da América portuguesa colonial, defrontamo-nos com a ausência de abordagens que permitissem interligar os diversos estudos historiográficos sobre a região, analisando de forma macro esse universo cultural, surgiu a necessidade de construir conceitos novos para a compreensão dos sistemas de valores existentes nessa sociedade.

O primeiro passo para tal foi especificar a própria noção de sistema de valores. Trabalhamos com essa categoria da forma como é apresentada e definida na obra de Georges Duby: como um sistema que articula as relações sociais de uma dada sociedade, e que os contemporâneos acreditam orientar o desenrolar dessas relações. Um sistema que governa os comportamentos individuais em

sociedade, a partir dos princípios que embasam o corpo social e que definem o sentido que essa sociedade atribui a sua história².

Ao conjunto de elementos psicológicos e culturais, entre os quais imaginário, representações, ideologias, valores e crenças, a historiografia denomina, classicamente, mentalidades. A noção de sistema de valores se inscreve dentro desse conjunto. Não apenas dentro do vago conjunto das mentalidades, mas principalmente dentro do espaço mais definido de um universo cultural. Por universo cultural entendemos, a partir da obra de Eduardo França Paiva, um processo histórico e social com vários sentidos, construído a partir das intervenções de diferentes grupos sociais que se influenciam mutuamente, mesmo que alguns se imponham sobre outros.³ Delimitando nosso objeto dentro do conceito de universo cultural, partimos da noção de sistema: conjunto com lógica interna de funcionamento, onde todas as idéias, valores, crenças e costumes estão articulados entre si. Um conjunto particular e específico, englobando um complexo definido de elementos. Nessa perspectiva, percebemos a noção de universo cultural como um conjunto mais amplo que engloba todos os sistemas de valores de uma dada sociedade.⁴

Ao cotejarmos essas reflexões conceituais com os estudos sobre cultura e relações sociais na sociedade açucareira colonial concluímos que dentro do universo cultural dessa sociedade coexistiam e se interconectavam diferentes sistemas de valores, cada um com uma lógica própria. No entanto, o sistema de valores dominante pode ser estudado com maior precisão que os outros, devido à sobrevivência de um maior número de registros sobre ele. Apesar disso, os vestígios das religiões afroamericanas, como o culto aos orixás, e de cultos mestiços de origem indígena, como a Santidade e a Jurema, indicam a existência de outros sistemas de valores que, mesmo dialogando com o sistema dominante, possuíam lógica e elementos próprios.

Um sistema de valores, nesse sentido, é um conjunto de elementos integrados que se alimentam mutuamente. Elementos culturais, simbólicos, valores e crenças. E se entendermos um imaginário como um sistema de representações, repositório de imagens, mitos e idéias, dotado de papel social próprio dentro da sociedade,⁵ concluiremos que um sistema de valores engloba necessariamente um imaginário.

Mas da mesma forma que em uma sociedade, em um universo cultural, existem diversos sistemas de representações, diversos imaginários, também existem ou podem existir múltiplos sistemas de valores. Para essa conclusão, extrapolamos a observação de Serge Gruzinski sobre o mundo colonial hispânico. Para ele, existem tantos imaginários quanto grupos étnicos e sociais, sendo que na América colonial ibérica os personagens partilhavam em diferentes graus de um imaginário dominante que seria a *“soma e articulação dos imaginários que o configuram”*.⁶

Se existiam tantos imaginários, acreditamos que os sistemas de valores, que abrangiam outros elementos além do repositório de imagens, eram também múltiplos. Todo sistema de valores pertence a um dado contexto histórico, estando especificamente ligado a determinados grupos sociais e suas condições de vida. É possível, assim, existir em uma dada realidade histórica múltiplos sistemas de valores que determinam e são determinados pelas condições de vida de grupos sociais específicos, ou de comunidades fechadas. No entanto, assim como os grupos sociais coexistem, relacionam-se e se influenciam mutuamente, assim também ocorre com os sistemas de valores. Por outro lado, da mesma forma que a convivência entre esses grupos não é igualitária, existindo conflitos que estabelecem hierarquias, assim também os sistemas de valores disputam espaço, o que leva à definição de um sistema de valores dominante. Tal sistema não é hegemônico, não desconstrói outros sistemas e, além disso, também se reconstrói a partir da cooperação/conflito com esses outros. Apesar disso, domina, impõe valores, crenças, princípios, costumes à sociedade, enquanto os grupos sociais aos quais está conectado também estão no topo da estrutura social.

Creemos que assim ocorreu com a sociedade das vilas açucareiras da América portuguesa no período que se estende das últimas décadas do XVI ao final do XVIII.⁷ Se um sistema de valores engloba valores éticos e morais, noções de certo e errado, de Bem e de Mal, concepções religiosas e hierarquia social, nas vilas açucareiras de Pernambuco e Bahia, tais concepções e valores eram definidos, a priori, pela cultura da Igreja Católica, da monarquia e fidalguia ibérica. Constituíam-se assim um sistema de valores oficial. Mas se, por um lado, tais noções eram impostas, aceitas e adaptadas por escravos, forros, índios aldeados e mestiços, por outro, diversos grupos compostos por esses personagens construía suas próprias noções mestiças, com variado grau de herança

indígena ou africana, de Bem e Mal, de divindade, de hierarquia social, como nos mostram diversas instituições de caráter mestiço da sociedade urbana açucareira.

Em organizações culturais e religiosas como a organização do Rei do Congo, a Santidade e o culto aos orixás, toda uma hierarquia própria se construía, assim como valores morais e éticos. Ou seja, sistemas de valores outros que não aquele elaborado pela cultura oficial da colonização. No entanto, todos os sistemas de valores coloniais se entrecruzavam, dialogavam entre si, possuindo todas identidades mestiças, incluindo o oficial.

2 - Do Conceito de Barroco e do Conceito de Mestiçagem

Antes de descrevermos esse sistema de valores dominante na sociedade açucareira que chamamos de barroco mestiço, faz-se necessário definirmos as noções de barroco e de mestiçagem.

O barroco enquanto conceito é uma noção utilizada por muitos historiadores, e contestada por muitos outros.⁸ Sua definição mais básica, essencialmente vinculada à História da Arte, é de estilo artístico e literário vigente nos séculos XVII e XVIII. O conceito artístico de barroco foi formulado na segunda metade do século XIX, e a partir da segunda metade do séc. XX foi assimilado pela História Social e pela História das Mentalidades em uma tendência que passou a nomear como barroco também as formas de governar, as estruturas políticas, a economia e a sociedade da Europa no XVII. Nessa tendência historiográfica destaca-se a obra de José Antonio Maravall, *A Cultura do Barroco*.

A cultura barroca é definida por Maravall como uma estrutura histórica, uma teoria explicativa que articula os elementos observáveis em uma dada realidade, mais especificamente as estruturas sociais, econômicas e políticas da Espanha do século XVII. Nesse sentido, a estrutura barroca seria o próprio conceito de barroco: a construção mental feita pelo historiador para explicar o conjunto de fatos e estruturas da sociedade espanhola do século XVII, dotados de articulação interna.⁹ Deixando de lado a simples analogia entre estruturas políticas e econômicas e estilo artístico, generalização criticada por vários autores¹⁰, ele entendeu o barroco como uma fase da evolução do Estado moderno, como uma série de estruturas mentais na Europa do século XVII.

Apesar de considerar o barroco como uma época/fase da Europa Ocidental, Maravall se debruça principalmente sobre a Espanha do XVII. Cronologicamente, a época barroca se localiza, segundo ele, entre 1600 e 1680, período equivalente às mudanças econômicas sofridas na Europa Ocidental. Na Espanha o barroco teria coincidido com o governo de Felipe III (1598-1621), considerando Maravall os governos de Felipe II e Carlos V ainda como renascentistas.¹¹

Ao discutir a tendência da historiografia de falar em economia barroca, guerra barroca, estado barroco, uma tendência criticada por muitos, Maravall toma uma posição moderada: por um lado, afirma não ser possível estabelecer ligações entre os elementos formais da literatura barroca, de Gôngora por exemplo, e as técnicas de navegação e guerra do período. Por outro lado, defende que esses diferentes campos de saber pertenciam a um mesmo contexto histórico, onde uns saberes repercutiam sobre os outros. Ou seja, apesar de serem campos do conhecimento autônomos e que não mantinham semelhanças entre si, tanto a política quanto a cultura e a tecnologia se desenvolveram a partir de uma mesma situação histórica. O contexto histórico definiria, assim, a arte, a política, a teologia, a partir das crises econômicas e sociais. Nessa perspectiva, fatores sócio-econômicos como o empobrecimento da população, estariam na base não apenas de medidas políticas e econômicas, mas também da gesticulação dramática do homem barroco.¹²

A definição maravalliana de cultura barroca para o contexto espanhol do século XVII cria um recorte conceitual sobre o sistema de valores dominante nessa sociedade e as intrínsecas relações desse sistema, por um lado, com costumes, crenças, atitudes políticas, e com a economia e relações sociais, por outro. Para este autor, o sistema de valores barroco se definiu como resposta à crise econômica da Espanha no XVII e às alterações sociais ocorridas no mesmo período.¹³

A crise social, iniciada com Felipe II, durou todo o XVII, e foi causada, em última instância, pelo surgimento da burguesia, que se chocou com a nobreza e as forças de conservação.¹⁴ O mundo barroco foi, assim, um mundo de transição, onde os antigos valores da nobreza guerreira começavam um embate com a ascendente burguesia ibérica. Os valores burgueses, assim como seu poderio econômico, influíram e chocaram a velha sociedade estamental, mas não alteraram seus valores dominantes no sentido de exercerem uma ruptura. Pelo contrário, a cultura da nobreza se

fortaleceu no culto à fidalguia, e a burguesia buscou compreender e adaptar-se a esses valores para ascender ao status de nobreza.

Outros autores, além de Maravall, dedicaram-se a esmiuçar a cultura da fidalguia ibérica no século XVII. Entre esses, destaca-se Eduardo D'Oliveira França.¹⁵

Para França, o ideal barroco foi construído em torno do '*hidalgo*' castelhano, pequeno nobre sem propriedades, e de seu desprezo pela riqueza adquirida através do comércio e das atividades burguesas. A *hidalguía* surgiu, assim, como um complexo de qualidades éticas que desprezava o enriquecimento 'vil' dos burgueses.¹⁶ Essa era a essência do imaginário barroco, a essência do *hidalgo* ideal que despreza o '*caballero*' elevado à nobreza pela riqueza.¹⁷ Um imaginário idealista que forneceu alicerces para uma cultura elitista e suas estruturas mentais, mas que não correspondeu às atitudes cotidianas da pequena nobreza ibérica, ansiosa por novas fontes de renda.

A fidalguia ibérica, ainda que não reproduzisse fielmente no cotidiano seus próprios ideais, procurou mantê-los vivos tanto na ostentação pública de festas religiosas e cortes, quanto na manifestação particular do trajar diário.

Portugal deu continuidade a essa cultura da ostentação e do ócio herdada de Castela. Os ideais fidalgos existiram na corte de Bragança antes mesmo desta se tornar a legítima casa real portuguesa, e bem antes da ostentação do ouro mineiro de D. João V. Na obra de D'Oliveira França, percebemos o imaginário barroco português já em fins do séc. XVI, época de Filipe II de Espanha e sua união de coroas. E ainda que o fidalgo português fosse diferente do espanhol em detalhes, o imaginário da fidalguia existiu também em terra lusas.¹⁸

Mas os valores burgueses estavam em ascensão desde a formação dos Estados ibéricos. Conflitavam-se com a primazia da nobreza guerreira sobre uma sociedade marcada pela proibição do trabalho manual aos fidalgos.¹⁹ A cultura barroca, dessa forma, baseava-se nos valores da fidalguia, valorizando o ócio e a ostentação, e condenando os valores burgueses do trabalho.

Nesse sistema de valores, a hierarquização social era feita a partir de uma distinção jurídica da sociedade que, sancionada pela lei, estabelecia diferentes privilégios e punições para os diferentes estamentos. Privilégios, em muitos pontos, suntuários, como o uso exclusivo de determinadas formas de tratamento, e de determinados tecidos.

Para Maravall, a cultura barroca não foi um mecanismo apenas contra a burguesia, mas principalmente contra os desassossegos de uma plebe atingida por pestes e fome, e que preocupava o Estado absoluto senhorial, levando as elites a criar mecanismos que superavam a repressão meramente física. Esses mecanismos utilizavam a persuasão para integrar os tipos sociais que se buscava controlar dentro dos desígnios da elite.²⁰ Ao observarmos as características sociais do barroco, percebemos que sua base era o controle da massa urbana, através principalmente de sua cooptação cultural. A Igreja do Seiscentos abusou, assim, das festividades públicas, da ostentação e do luxo, costumes que o povo metropolitano e colonial seguia à risca.

No mundo colonial, por sua vez, a escravidão aprofundou uma estrutura hierárquica já existente, fornecendo novos elementos culturais para a desqualificação social, como a questão cor, e intensificando o anterior desprezo social pelo trabalho mecânico. Assim sendo, o conceito de barroco mestiço, além de incorporar a estrutura histórica definida por Maravall, e os elementos sócio-culturais apontados por França, deve relacioná-la ao contexto da sociedade escravista açucareira e às condições de vida coloniais. Não se trata, dessa forma, de transpor para a sociedade colonial um conceito elaborado para a Península Ibérica, mas de reelaborá-lo, adaptando-o para esse outro universo cultural. Uma operação que apenas pode ser realizada com o auxílio de outros conceitos, tais como o de mestiçagem.

O conceito de mestiçagem é clássico na historiografia brasileira, remontando à obra de Gilberto Freyre. Mas no segundo quartel do século XX, devido às controvérsias em torno desta obra, o conceito sofreu severas críticas, caindo num limbo e dando lugar, no fim do século, à noção de hibridismo, oriunda dos estudos culturais pós-coloniais de autores como Homi Bhaba.

No entanto, recentemente um estudioso da cultura e sociedade colonial nas Américas, Serge Gruzinski, vem revendo e atualizando o conceito de mestiçagem, adaptando-o às novas exigências da historiografia. Considerando a conexão entre mestiçagem e identidade, Gruzinski busca compreender as identidades mestiças da colonização e como elas se constituíram. Parte da seguinte definição de mestiçagem:

Ainda relativamente pouco explorada e, portanto, pouco familiar aos nossos espíritos, a mistura dos seres humanos e dos imaginários é chamada de mestiçagem, sem que se saiba exatamente o que o termo engloba, e sem que nos interroguemos sobre as dinâmicas que ele designa.²¹

Apesar da ressalva feita à pouca caracterização do conceito pela historiografia, Gruzinski defende que a história da colonização da América pode ser melhor compreendida a partir da perspectiva das mestiçagens, do estudo dessas misturas de imaginários. Além disso, defende que aculturação e mestiçagem se complementam. Partindo da obra do antropólogo mexicano Gonzalo Aguirre Beltrán, que faz essa relação para o México colonial, Gruzinski afirma que a cultura mestiça mexicana nasceu tanto da aculturação como dos espaços fronteiriços entre as culturas. De elementos opostos das culturas européia colonial e indígena, que em contato se excluía, ao mesmo tempo em que se conjugavam.²²

O fenômeno das mestiçagens na América colonial teria se iniciado, segundo ele, com as misturas ocorridas, a partir do século XVI, entre seres humanos, imaginários e formas de vida, oriundos de civilizações e contextos históricos diferentes. Tal conceito, nessa perspectiva, encaixa-se perfeitamente em nosso estudo sobre as misturas de imaginário e valores que teriam construído um sistema de valores mestiço, com predomínio das estruturas mentais do barroco na América açucareira.

3 - Da Sociedade Açucareira da América Portuguesa e do Barroco Mestiço

A sociedade urbana da área canavieira do século XVII e XVIII foi uma sociedade barroca mestiça. Nessa sociedade, a influência das características culturais do barroco ibérico foi bastante sensível, marcando as condições de vida e vinculando-se ao status social que as diferentes camadas possuíam dentro dos modelos estamentais ibéricos.

Em tal sociedade, a existência de africanos e afrodescendentes escravos e forros, remanescentes indígenas e colonos ibéricos de diferentes origens sociais, estabeleceu miríades de valores, imaginários e conjuntos de representações que se reorganizaram em consonância com a formação de grupos sociais próprios desse contexto histórico. Ao mesmo tempo em que vemos, em instituições como os cultos afro-americanos, imaginários e sistemas de valores afroamericanos,

indígenas e mestiços que não se coadunavam com a cultura oficial pregada por Coroa e Igreja, percebemos que esses valores não foram dominantes na sociedade açucareira, que não determinaram os códigos éticos e morais tidos como fundamentais por este universo social. O sistema de valores que se tornou hegemônico nessa sociedade foi aquele das elites dessas vilas: Senhores de engenho, lavradores, grandes proprietários de escravos urbanos e grandes comerciantes.

Esses grupos estavam estabelecidos em papéis sociais que lhes posicionavam no topo da estrutura social colonial, o que lhes permitia participar da construção de um sistema de valores dominante na sociedade açucareira. Seu sistema era oriundo de outro, este dominante na sociedade de corte portuguesa, vinculado à corte espanhola: o sistema de valores da fidalguia ibérica. Apesar da origem ibérica, as elites coloniais pertenciam a um diferente contexto histórico, o mesmo acontecendo com seu imaginário e seu sistema de valores, que tiveram por base o congêneres ibérico, mas que foram influenciados pela convivência com imaginários americanos e africanos e pelo fato de serem essas elites elas próprias mestiças. É esse sistema de valores que chamamos de barroco mestiço.

Apesar da escravidão ser a estrutura básica da sociedade colonial, e das relações sociais fundamentais estarem pautadas na base senhor/escravo, esta sociedade teve como referência ideal a sociedade de ordens do Antigo Regime metropolitano, cuja diferenciação dos grupos sociais baseava-se na natureza dos direitos e privilégios de cada grupo, e na posse ou não do estatuto de nobreza. Mas o fato da estrutura social escravocrata ser baseada na propriedade escrava, e não em direitos e privilégios estamentais, levou a realidade colonial, e o sistema de valores das elites açucareiras, a entrar em choque com o ideal que almejava para si.

Para Eduardo França Paiva, o universo cultural na colônia era um todo dinâmico, onde os diferentes grupos sociais se influenciavam mutuamente, ainda que um grupo dominasse o todo. Esse processo dinâmico teria gerado, a seu ver, tanto um hibridismo cultural quanto a coexistência de heranças culturais diversas.²³ Nessa perspectiva, a mestiçagem era inevitável, e criou interpretações culturais que fugiam dos padrões ibéricos, mas que também dissolviam as

identidades culturais originais, sejam de indígenas sejam de africanos, em favor de construções novas.

Consideramos a existência de tantos imaginários quanto grupos sociais, étnicos e meios sociais na colônia, mas que compartilhavam todos da natureza mestiça dessa sociedade. Assim, acreditamos que não é possível falar de um único imaginário ou sistema de valores mestiço, mas de vários. Na verdade, todos os imaginários e sistemas de valores na colônia foram mestiços, sendo a mestiçagem a principal característica desse universo cultural. No entanto, a multiplicidade e diversidade de formas de pensamento mestiço exigem que criemos subdivisões que nos ajudem a pensar o momento. Assim, se o sistema de valores afroamericano, que envolvia instituições de origem africana como o culto aos orixás e ao rei do Congo, também era um imaginário mestiço, ele se distinguia do sistema de valores dominante, possuindo elementos e lógica interna própria. Por outro lado, nessa sociedade mestiça, onde os papéis sociais dos pobres livres foram influenciados pelo imaginário que os cercava, um fator interligava todos os sistemas de valores mestiços das vilas açucareiras: o padrão barroco transplantado pelas elites açucareiras e imposto e adaptado pelos outros grupos sociais urbanos dessa sociedade.

Dessa forma, acreditamos que o imaginário barroco, moldado em padrões ibéricos mas reinterpretado pelas diferentes identidades mestiças coloniais, tornou-se o imaginário dominante no mundo colonial. O que significa que se tornou não apenas o elemento dominante, mas também o círculo de ligação e comunicação entre valores e princípios culturais distintos.

Partindo dessas considerações, apesar de considerarmos todos os sistemas de valores coloniais como mestiços, e de identificarmos o imaginário barroco como o espaço de comunicação entre eles, definimos como barroco mestiço o sistema de valores da elite açucareira, aquele baseado nos padrões da fidalguia ibérica. Este foi transplantado para a sociedade açucareira seiscentista pelas elites canavieiras com pretensão à fidalguia, e difundido entre todos os grupos sociais desses núcleos urbanos que, por sua vez, adaptavam os valores das elites à sua própria condição colonial, buscando ascensão e valorização social.

Devemos lembrar, entretanto, que as elites açucareiras eram constantemente alimentadas com elementos oriundos dos grupos sociais dominados. Ex-escravos que se tornavam grandes

traficantes negreiros hoje estão sendo bem estudados.²⁴ Esses personagens ao mesmo tempo em que traziam elementos culturais distintos, também se adaptavam ao barroco mestiço das elites.

Uma primeira dificuldade encontrada ao definirmos o barroco mestiço como sistema de valores da zona açucareira, é o fato de que o conceito de barroco, classicamente associado à arte, e entendido como uma periodização ou estilo artístico, no Brasil, ainda está basicamente associado à arte das acidades auríferas no século XVIII.²⁵ Para José Luiz da Mota Menezes, no entanto, mesmo a arte dos séculos XVI e XVII na zona açucareira, não pode ser isolada do barroco, visto já possuir diversas das características desse momento, como a produção artística por encomenda. Nessa perspectiva, consideramos que a riqueza canavieira do último quartel do século XVI permitiu o desenvolvimento de um primeiro ciclo monumental arquitetônico colonial.²⁶

As festas, por sua vez, caracterizam-se como a principal atividade sócio-cultural barroca, e são perceptíveis na colônia açucareira mobilizando toda a sociedade. São eventos religiosos, públicos e profanos, onde todas as camadas sociais participavam inseridas em hierarquias próprias, cada grupo conhecendo seu lugar e seu papel determinado no evento. Organizados a partir das irmandades, das corporações de ofício, e mesmo dos conventos, diversos grupos sociais, distintos por cor, etnia ou mesmo por profissão, participavam das procissões e festejos contribuindo com danças e apresentações próprias.²⁷ A festa de São Gonçalo Garcia, padroeiro dos homens pardos, realizada em 1745 no Recife, pode ser tomada como exemplo da mestiçagem cultural nessa sociedade: uma procissão organizada pela irmandade parda, mas que apresentava uma opulência barroca poucas vezes registrada para o Recife.²⁸

A monumentalidade arquitetônica, as festas, a opulência no vestuário, são características da cultura da elite açucareira colonial que queria ser espelho de Portugal. Lá a fidalguia dominava a cena, aqui senhores de engenho e ricos proprietários tomavam para si os encargos de patrocinarem a arte e a ostentação que caracterizavam os fidalgos ibéricos. O povo, alvo das tentativas persuasórias barrocas, assimilava na colônia traços dessa cultura: A formação de irmandades leigas nas vilas açucareiras aponta para uma assimilação de ideais e projeções barrocas pelas camadas populares, ainda que fosse uma assimilação parcial. Da mesma forma, o trabalho de artistas negros e mestiços, compondo obras em talha e pintura, refletia padrões barrocos misturados com

elementos nativos e africanos, produzindo regras e representações culturais novas e próprias do mundo colonial.²⁹

A elite, no entanto, mas do que os outros grupos, procurava manter vivos os ideais da fidalguia ibérica. Enquanto as irmandades de pretos elaboravam hierarquias próprias, onde inclusive as mulheres encontravam um espaço para atuação pública, as instituições que congregavam as elites açucareiras demonstravam uma hierarquia latente em seu interior: desigualdade de direitos e privilégios entre homens e mulheres e irmãos de ‘maior condição’ e irmãos menores.³⁰ A elite açucareira procurava, assim, refletir o imaginário ibérico, com sua sociedade de ordens.

Com relação à constituição dessa elite, marcada pela presença de mestiços oficialmente embranquecidos, ela contrastava com o ideal da fidalguia ibérica que requeria, para seus membros, a limpeza de sangue. Na lei portuguesa, o trabalho mecânico, a descendência moura, judaica, negra ou índia, eram fatores de desqualificação para a ascensão social ao status de ‘*pessoa de mor qualidade*’. No mundo colonial, todavia, a existência de uma elite sem liames com nenhuma dessas ‘máculas’ era extremamente dificultada pelas próprias condições de vida coloniais. Mas o ideal nem por isso foi menos forte, como indicam as exigências para o ingresso na Santa Casa de Misericórdia da Bahia, uma das irmandades mais conservadoras do *status quo* estamental do mundo colonial.

O compromisso da Santa Casa de Misericórdia da Bahia de 1618 trazia exigências similares à instituição reinol: exigia-se limpeza de sangue mouro ou judeu, ausência de delitos escandalosos, e ainda que o peticionário a irmão estivesse isento de trabalhar com as mãos.³¹ Podemos ver constituição similar na Irmandade do Santíssimo Sacramento do Recife, também uma irmandade da elite latifundiária.³² Tentavam, assim, reproduzir as condições da fidalguia ibérica.

4 - Considerações Finais

Com este artigo pretendemos apresentar nossas primeiras reflexões acerca do sistema de valores barroco mestiço. Temos consciência de que muito ainda há para ser compreendido sobre esse tema, e que a mobilidade e a dinâmica das estruturas culturais e mentais não nos deixam

prendê-las em conceitos rígidos. Além disso, o pensamento mestiço colonial era um complexo tão múltiplo e interconectado que muitas vezes nos parece difícil definir as fronteiras entre os diferentes imaginários, os diferentes sistemas de valores. Mas acreditamos que, ainda que essas fronteiras fossem móveis e fluídas, elas existiam, pois ao mesmo tempo em que identificamos elementos culturais de origem ibérica impostos sobre grupos mestiços, afrodescendentes por exemplo, e readaptados por estes, encontramos também valores que, ainda que não tenham escapado da mestiçagem, impuseram sua própria lógica.

Tomemos como exemplo a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Recife e o candomblé gegê-nagô em Salvador. A primeira instituição tinha acentuado caráter mestiço, adaptando o catolicismo colonial, mas também códigos barrocos visíveis na pompa de suas procissões em honra de Nossa Senhora do Rosário. Por outro lado, não apenas reproduziu os códigos do barroco mestiço da elite, mas acrescentou seus próprios elementos culturais, visíveis na organização do Rei do Congo, e na festa anual de coroação do Rei e Rainha do Congo, que promovia. Os homens e mulheres que constituíam essa irmandade, forros, livres e escravos, tinham assim um imaginário distinto das elites, ainda que compartilhassem de muitos de seu sistema de valores. Representavam uma importante fronteira cultural, talvez o mais mestiço dos imaginários coloniais.³³

O candomblé gegê-nagô, por sua vez, extensamente estudado pela antropologia contemporânea, manteve até o século XX um imaginário próprio, com divindades estranhas ao catolicismo, uma hierarquia social particular com status social paralelo à hierarquia social do barroco mestiço. Mesmo a língua iorubá foi preservada, com todas as implicações culturais atreladas a este fato. Ou seja, aqui encontramos um sistema de valores distinto do barroco mestiço dominante, ainda que ambos convivessem e se influenciassem.³⁴

Poderíamos utilizar a Santidade, a Jurema e outros cultos mestiços como exemplo da convivência de diferentes sistemas de valores no universo sócio-cultural da sociedade açucareira. Cada um desses sistemas tinha uma lógica própria de funcionamento, mas todos se interconectavam, conviviam e eram influenciados pelos valores impostos pela colonização. Assim,

pairando entre todos eles, estava o barroco mestiço das elites açucareiras, imposto e readaptado por todos os outros.

A partir dessas primeiras reflexões, apresentamos o conceito de barroco mestiço como uma ferramenta para a análise e descrição detalhada dos variados aspectos do universo cultural da sociedade açucareira, esperando que ele nos sirva de instrumento para o exame das instituições culturais e grupos sociais atuantes nas vilas canavieiras da América portuguesa.

Notas

¹ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo, Ed.Contexto. 2005. p 150.

² DUBY, Georges. História Social e Ideologias das Sociedades. In LE GOFF, Jacques; NORA, Piérre. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed. 1976. (Coleção Ciências Sociais).p. 131

³ Paiva, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia*. Belo Horizonte, ed. UFMG. 2000. P 32. Tal noção é construída, pelo autor, a partir do conceito de hibridismo cultural.

⁴ Para o conceito de sistema em ciências sociais ver Mathis sobre Luhmann, para quem um sistema complexo reproduz seus elementos dentro de um processo operacional fechado, e possui um modo de produção específico. Cf. MATHIS, Armin. *O conceito de sociedade na teoria dos sistemas de Niklas Luhmann*. www.rebea.org.br/arquivos/niklas.pdf

⁵ Essa definição se baseia principalmente em Duby que a aproxima da definição de ideologia, elaborada por Althusser. Cf. DUBY. Op. cit. p. 132. Para Le Goff, por outro lado, é o imaginário que pertence às representações, entendidas como quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior. Para ele a representação apenas reproduz uma imagem, enquanto a partir da fantasia, o imaginário a recria na arte. LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa, Editorial Estampa. 1994. p12.

⁶ GRUZINSKI, Serge. *Do barroco ao neobarroco – fontes coloniais dos tempos pós-modernos: o caso mexicano*. In CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf (org). *Literatura E História Na América Latina*. São Paulo, Centro Angel Rama/Edusp.2001. pp. 75-89, pág. 86.

⁷ A zona açucareira das capitâncias do norte, nesse período, possui a mesma estrutura social, da Bahia à jurisdição de Pernambuco. Silva, Kalina Vanderlei. SILVA, Kalina Vanderlei Paiva da. *“Nas Solidões Vastas e Assustadoras” – Os Pobres do Açúcar na Conquista do Sertão de Pernambuco nos Séculos XVII e XVIII*. 2003. 362 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

⁸ Entre os primeiros estão ÁVILA, Affonso. *Barroco – Teoria e Análise*. São Paulo, Perspectiva. 1997; THEODORO, Janice. *O barroco como conceito*. In Schumm, Petra (org.). *Barrocos y Modernos. Nuevos Caminos em la Investigación del Barroco Iberoamericano*. Frankfurt am Maim. 1998; HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo, Martins Fontes. 2003. e entre os segundos HANSEN, João Adolfo. *Notas sobre o 'barroco'*. Revista do IFAC – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade de Ouro Preto. N^o 4, dezembro de 1997. pp 11-20; GRUZISKI. *O Pensamento Mestiço*. Op.cit.

⁹ MARAVALL, José Antonio. *A Cultura do Barroco – Análise de Uma Estrutura Histórica*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial. 1997. p.37-39. A primeira edição espanhola data de 1975.

¹⁰ Para diferentes autores atuais essa tendência é generalizante pois não define exatamente o que seria estado barroco ou guerra barroca, parecendo que se cria uma analogia entre essas estruturas e o estilo artístico. Cf. GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo, Companhia das Letras. 2001; e HANSEN. Op. Cit.

¹¹ MARAVALL, op. Cit. P. 22-23, 42. Mas tal recorte foi construído para a Europa. Como consideramos que o nascimento do barroco mestiço advém do governo de Felipe II e da união Ibérica, baseamo-nos no trabalho de D'Oliviera França, que detecta os traços do barroco na mentalidade fidalga portuguesa contemporânea de Felipe II da Espanha. FRANÇA, Eduardo D'Oliviera. *Portugal Na Época Da Restauração*. São Paulo. Ed. Hucitec. 1997.

¹² MARAVALL. Op. cit. P. 45.

¹³ Idem . p. 65-66.

¹⁴ Idem. P. 74-75

¹⁵ FRANÇA. Op. cit.

¹⁶ Idem. p. 79

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem. P. 109-110; 118

¹⁹ MESGRAVIS, Laima. *Os Aspectos Estamentais da Estrutura Social do Brasil Colônia. Estudos Econômicos*. São Paulo. 13 (especial): 799-812. 1983. Op. cit. p. 801

²⁰ MARAVALL. Op. cit. P. 88

²¹ GRUZINSKI. *O Pensamento Mestiço*. Op. cit. P. 42.

²² Idem. P. 45

²³ PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia. Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte, Ed. UFMG. 2001. p. 32, 38.

²⁴ Ver, por exemplo, o trabalho de SILVA, Alberto da Costa e. *Francisco Félix de Souza – Mercador de Escravos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 2004. E VERGER, Pierre. *Os Libertos – Sete Caminhos na Liberdade de Escravos da Bahia no Século XIX*. São Paulo, Corrupio. 192.

²⁵Cf. ÁVILA, Affonso. *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco I : Uma Linguagem a dos Cortes, Uma Consciência a Dos Luces*. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1994.

²⁶ MENEZES, José Luiz Mota. *O barroco no País do Açúcar*. Recife, 2000. mimeografado. p.3.

²⁷ ARAÚJO, Rita de Cássia R. de. *Festas: Máscaras Do Tempo - Entrudo, Mascarada e Frevo no Carnaval do Recife*. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife. 1996. P. 55

²⁸ Para a festa de São Gonçalo Garcia no Recife, Cf. ARAUJO, Rita de Cássia Barbosa. *A Redenção dos Pardos: A Festa de São Gonçalo Garcia no Recife, em 1745*. In In JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org). *Festa - Cultura E Sociabilidade na América Portuguesa*. 2 vols. São Paulo: Hucitec/Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial. 2001. pp. 419-444.

²⁹ MENEZES. Op. cit. p. 5; Sobre a assimilação e transformação cultural que os mestiços coloniais operam sobre os ditames artísticos europeus na América Hispânica, Cf. GRUZINSKI. *O Pensamento Mestiço*. Op. cit.

³⁰ RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos E Filantropos – A Santa Casa De Misericórdia Da Bahia, 1550-1755*. Brasília, ed. da UNB, 1981. p. 15; Cf. ASSIS, Virgínia Almoêdo. *Pretos E Brancos – A Serviço De Uma Ideologia De Dominação (Caso Das Irmandades Do Recife)*. Dissertação de Mestrado. UFPE. Recife. 1988.

³¹ RUSSEL-WOOD. Op. cit.P. 95

³² Ver irmandade do Santíssimo Sacramento como instituição de elite para a limpeza de sangue em ASSIS. Op. cit.

³³ A organização do Rei do Congo pode ser vista em TINHORÃO, José Ramos. *As Festas no Brasil colonial*. São Paulo, editora 34. 2000; e SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista – História da Festa de Coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte, Ed. UFMG. 2002.

³⁴ Para a observação do Candomblé, Cf. AMARAL, Rita. *Xirê! O Modo de Crer e de Viver no Candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2002; e BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.